O PRETO

I

Certo Prêto grande esteio
Dum País altivo e forte
Sem o mais leve receio
Seguia p'lo passeio
Lá na América do Norte

II

Diz-lhe um guarda de repente
Que ao seu encontro veio
Sáia já ràpidamente
Porque tal raça de gente
Não pode andar no passeio

III

Sou desta raça, senhor,
Mas tenho um valor fecundo
Sou dum país de valor ;
Muito nobre e sonhador
Conhecido em todo o mundo

IV

E a sua voz levantou
P'ra lhe dizer com tristeza
Vai saber de onde eu sou
E no peito lhe mostrou
A Bandeira Portuguesa

V

Diz-lhe depois em seguida
Desta forma altivamente
Esta bandeira tão querida
Representa tôda a vida
O valor da Luza gente

VI

Rendeu-se logo à evidência
Ao ver tão lindo estandarte
Ao preto fez continência
E disse Vossa Excelência
Pode andar por tôda a parte.

O toureiro e a bailarina

Por Júlio Vieitas

Dolor's era a mais famosa
Bailarina maravilha,
Estrêla brilhante e formosa
A mais guapa e viçosa
Dos «cabarets» de Sevilha!

Sentia amor verdadeiro
Das mais infindas paixões
Por «Pepe», um grande toureiro
A quem chamavam ligeiro,
O ídolo das multidões.

Um dia ao entrar na praça
Numa ovação estridente
Por capricho da desgraça
Ao dar um passe com graça
Foi colhido mortalmente.

Dolôres num grito de dor
Vendo o seu amado exangue
Desce à arena com ardor
E vem beijar seu amor
Com cravos rubros de sangue.

A' noite no «cabaret»
N'um bailado inconsciente,
Louca de dor, sem ter fé,
Ao rodar faltou-lhe o pé,
Morrendo tràgicamente.

E assim terminou a história
Do toureiro e a bailarina
Em vida amados de glória
Findam na morte a vitória
Cumprindo do amor a sina.

Edição de Eduardo Augusto Seabra

Digitalizada com CamScanner

Fado das Caravelas

Nêste Portugal inteiro
Berços de tantos heróis
Nasceu a Pátria primeiro
Nasceu o Mundo depois
Foi daqui dêste cantinho
Que o sonho das caravelas
Abriu no mar o caminho
A' luz das nossas estrêlas

Côro

Lá vão elas
Naus do Infante a navegar
Brilha a cruz das caravelas
Por sôbre as águas do mar
Lá vão elas
Naus de Ceuta a navegar
E as estrêlas brilham mais
Para as guiar

Dêste balcão tão sombrio
Foi que o grande marinheiro
Vendo uma nêsga do rio
Sonhou o mar todo inteiro
E a nossa barra de escolhos
Ao ver passar o Infante
Encheu de mar os seus olhos
E pôs-lhe o mundo diante

Côro

Lá vão elas, etc.

Lisboa

não sejas francesa

I

Não namores os franceses,
Menina Lisboa!
Portugal é meigo, às vezes,
Mas certas coisas não perdoa!
Vê-te bem no espelho
Dêsse honrado velho!
Como o seu exemplo atrai!

Vai

Pelo meu leal conselho:
Não dês desgôstos ao teu Pai

Estribilho

Lisboa,
Não sejas francesa!
Com tôda a certeza
Não vais ser feliz!
Lisboa,
Que idéia daninha,
Vaidosa alfacinha,
Casar com Paris!
Lisboa,
Tens cá namorados
Que dizem, coitados,
Co' as almas na voz:
Lisboa,
Não sejas francesa!
Tu és portuguesa!
Tu és só p'ra nós!

II

Tens amor às lindas fardas,
Menina Lisboa?
Vê lá tu p'ra quem te guardas!
Donzela sem recato, enjôa!
Tens aí tenentes
Belos, imponentes
Nados e criados cá!
Vá.
Tenha modos mais decentes
Menina caprichosa e má.

Digitalizada com CamScanner